

# A arte de Malangatana na opinião de críticos estrangeiros

Texto de Paulo Sérgio • Fotos de Jaime Macamo

Provocando o interesse que espreita a vontade de apalpar a superfície cromática de cada um dos quadros exibidos em retrospectiva, a exposição de Malangatana ultrapassa os meandros de um «supermercado» de artes plásticas para se embrenhar no pedagógico, no técnico e no artístico que ele, numa base cultural africana, particularmente moçambicana, soube interpretar de harmonia com períodos históricos, com generosidade e experiência — avaliam o Professor Elias Jengo, da Tanzânia, o Dr. Rui Mário Gonçalves, de Portugal, e o artista e industrial plástico da RFA, radicado na Swazilândia, Albert Reck.



Professor Elias Jengo, da Universidade de Dar-Es-Salaam, na Tanzânia: «Mostra uma inestimável capacidade de moldar expressões»

A exposição-retrospectiva do artista moçambicano Malangatana Valente Ngwenya patente até ao dia 20 de Julho, no Museu de Arte, em Maputo, onde o público aprecia algo mais de 300 trabalhos de pintura a óleo, desenhos a traço de tinta-da-china e aguarela, bem como bordados, peças de cerâmica e de tapeçaria e artigos da Imprensa dos anos 60 e 70, trouxe-nos personalidades do mundo das Artes Plásticas africanas, como o Professor tanzaniano Elias Jengo, que acedeu a dar o seu testemunho crítico sobre a Obra daquele artista.

Pintor e docente de Arte na Universidade de Dar-es-Salaam,

Elias Jengo qualifica Malangatana como «um dos grandes artistas do Mundo que com a sua intervenção plástica soube contribuir para uma cada vez maior desmistificação da opinião de que a Pintura era estranha à África, pois a par da Escultura africana, que foi desenvolvida ao longo de uma pré-histórica vivência artística do nosso continente, hoje dá evidências de ter havido uma tradição de pintura».

Conhecedor da Obra de Malangatana desde as suas origens artísticas no limiar, portanto, dos anos 60, o Professor Jengo permaneceu pouco mais de duas décadas a tratá-la como matéria de

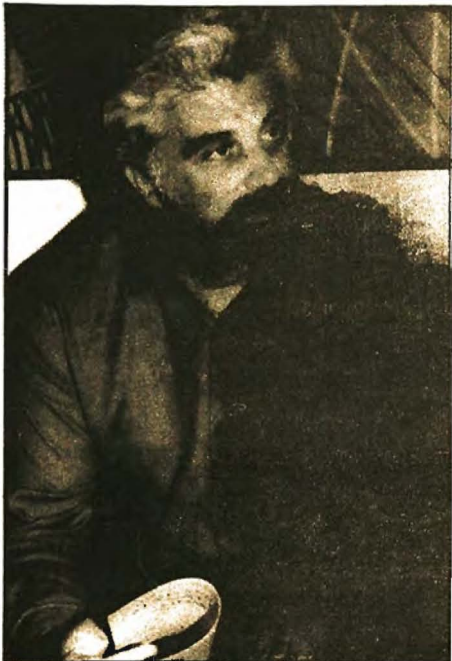
crítica, estudo e análise das suas influências no panorama africano, tendo concluído que «a pintura do Malangatana reflectiu sempre a recusa do retrato de situações que não reportassem o seu sentido artístico deslavado das influências abstractas daquela altura, e logo mostra uma inestimável capacidade de moldar expressões carregadas de mensagens sociais, encontradas na realidade que o circunda, fermentadas no sentimento e atiradas para as telas sob uma descarga de imaginação cro-

mática, estilística e técnica bastante acusadora, reclamadoras e demonstradoras de uma mitologia cultural africana».

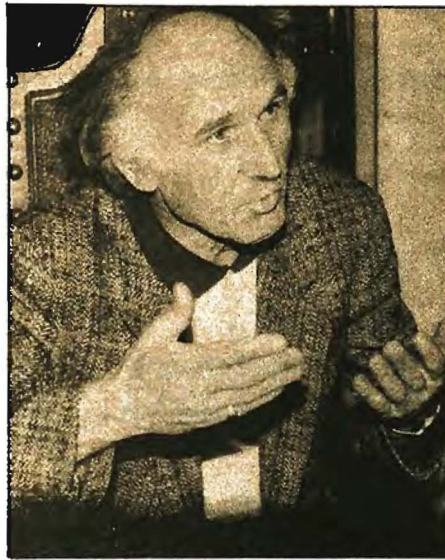
Na obra «Monstros grandes devorando monstros pequenos» — de 1961, vemos que o artista se precipita «para os ideais da luta contra o sistema de colonização, pelos sentimentos de uma confraternização na liberdade. Com ela, ele começa a fazer a Arte afastando-se do tema que, um tanto usado como disfarce, o identificava com a classe média citadina: as mulheres despidas ou retratadas na sua crua anatomia», refere o Professor Elias Jengo, que sublinhou que as imagens melodramática e horrorosa que sujeitaram o Malangatana a um crítico da violência e do sanguinário então vigente, levaram-no, como a gente sabe, à prisão, em 1965.

#### HÁ DOIS PERÍODOS NA ARTE DE MALANGATANA

De 1965 em diante há o «segundo período do Malangatana», principalmente após o seu cárcere no qual uma vez amadurecida a sua sensibilidade artística «continua a «empastar» em telas os seus sinais plásticos sob uma geome-



Dr. Rui Mário Gonçalves, crítico de arte e docente na Faculdade de Letras de Lisboa, Portugal: «Entronca um todo momento histórico»



Albert Reck, artista plástico da RFA: «A sua arte não vem do intelecto mas da natureza moral»

tria cheia de rasgos de terror que subtilmente exprimem simpatia com a libertação de toda uma classe a que pertence, e mostram aqui, ali e acolá o encobrimento dos nus — que começa a usar apenas para a denúncia do ritual, do especial e cultural, fora do visual e comercial ao gosto da classe média europeia — que até 1965 viu o «primeiro período» do Malangatana».

O seu estilo «comparado ao do nigeriano Twin Seven Seven, é de uma forma plástica que acusa autenticidade cultural que muitos artistas ganenses, nigerianos e afro-americanos não testemunham, devido às influências da arte europeia, da qual foram estudantes». Nos quadros não temos expressões simples e realistas, mas símbolos locais de uma experiência que, vivida e sentida entre o 1.º e 2.º períodos, serviu para enriquecer o temático e o pictórico do «segundo período» por ele se mostrar apologista da liberdade do seu país, sob o fito da arte africana».

O Professor Jengo considera que os universitários da Tanzania que apreciaram as obras de Malangatana nutrem um respeito especial por o julgarem criativo e as suas mensagens serem perceptíveis e maravilhosas.

#### UM GÊNIO DE UM INTERIOR DIFÍCIL DE EXPLICAR

O Dr. Rui Mário Gonçalves, crítico de Arte e docente na Faculdade de Letras de Lisboa advoga que não é fácil examinar o génio de Malangatana, «que é de um interior difícil de explicar». Às vezes — frisa — um artista é uma personalidade contraditória porque geralmente procura reflectir o que há de universal no ser humano e, por isso, perante qualquer problema concreto, «tende a adivinhar o aspecto mais profundo do seu ponto de vista humano que nem sempre se explica por palavras correntes. — É admirável que o Malangatana revele sempre uma inesgotável capacidade de generosidade».

Malangatana começou a pintar enquanto jovem por gosto, «o que tenha aprendido, já foi assimilado em função desse gosto». Hoje, pelo que se nos é dado constatar, «o caso do Malangatana entronca um todo momento histórico que faz com que a sua geração apareça ao nível de todo o planeta com uma demonstração de grande expressividade africana».

#### USAR SUA EXPERIÊNCIA PARA EVITAR FRUSTRAÇÕES

Albert Reck, artista plástico da RFA e patrono do Centro Phumalanga Swaziland Tapestries, em Motjane, na Swazilândia, fez a transposição de algumas obras de Malangatana para tapeçaria, cujos exemplares estão também expostos na exposição-retrospectiva. Conheceu a Obra do artista em 1983, em Hamburgo, na mostra de Arte Africana, então realizada, tendo desde logo julgado que «a sua arte não vem do seu intelecto mas da sua natureza moral, acabando por constituir uma experiência útil, para os novos artistas, por forma a evitarem erros artísticos, frustrações temáticas e reprodução de simples beleza das artes modernas. O importante é ir-se aos foros do universo dos sonhos e dos pesadelos, dos ritos e da realidade, por uma Arte africana inconfundível, tal como nos dá provas Malangatana». □